



Texto: Tenente-Coronel de Infantaria, Luís Miguel P. S. Raposo de Medeiros\*



## Ilda Fonseca Uma Mulher D'Armas

O talento e a inteligência de Ilda Fonseca, iriam ser postas à prova, como efectivamente se verificou, quando à sua porta bateram 30 militares, acabados de chegar dos Açores e ainda sem autorização para darem entrada na sua futura Unidade

A Zona Militar dos Açores aproveitou o seu dia festivo, em 26 de Novembro de 2009, para homenagear a fundadora do Lar do Soldado Açoriano de Leiria, Sr.ª Ilda Fonseca Alves da Fonseca. A cerimónia pública revestiu-se de grande significado e emoção, visto que se fez justiça, cerca de 40 anos depois, a uma cidadã exemplar que de um modo dedicado, abnegado e altruísta, deu o seu melhor em prol de centenas de militares e respectivos familiares de todas as ilhas dos Açores que se apoiaram no “Lar do Soldado Açoriano” em Leiria, sem buscar outra recompensa que não fosse a felicidade e o bem-estar dos seus conterrâneos.

Esta história fascinante tem o seu início em meados do mês de Agosto de 1970, quando Maria Ilda Alves da Fonseca decidiu visitar Ponta Delgada, sua cidade natal, estando longe de imaginar a importância de que essa visita se viria a revestir. Do reencontro com algumas amigas, mães de jovens que no cumprimento do dever militar iriam fazer a recruta no Continente com destino à Guerra do Ultramar, começou a surgir-lhe uma ideia dum empreendimento invulgar.

Com efeito, no seu regresso ao Continente levava um sonho que viria a transformar-se no projecto da sua vida: fundar um Lar para albergar os militares provenientes dos Açores durante a sua permanência na cidade de Leiria, onde eles, desen-

raizados da sua terra e das suas famílias, pudessem encontrar apoio, acompanhamento e um elo de ligação com as suas origens.

Sem saber por onde começar e sem qualquer tipo de orientação, Ilda Fonseca resolve contactar o Comandante do Regimento de Infantaria nº. 7, o qual ficou enormemente sensibilizado com o projecto que tinha tanto de inédito e arrojado, como de pertinente.

Ilda e o seu marido acolhem na sua casa os primeiros 15 açorianos, constatando rapidamente que essa não era a opção mais viável por falta de espaço. Resolvem, então, alugar uma casa maior, inaugurada em Junho de 1971, que se transformou no Lar do Soldado Açoriano.

Como as incorporações se faziam de 3 em 3 meses, havia uma sobreposição entre aqueles que estavam a terminar a recruta e aqueles que a iriam começar. Era fácil de prever que a capacidade de improvisar, o talento e a inteligência de Ilda Fonseca, iriam ser postas à prova, como efectivamente se verificou, quando à sua porta bateram 30 militares, acabados de chegar dos Açores e ainda sem autorização para darem entrada na sua futura Unidade Militar.

Abria-se assim um novo capítulo, a procura de uma casa maior, que mais tarde veio a revelar-se, novamente, insuficiente e que deu origem à busca de um terceiro local para o Lar Açoriano. Tal veio a concretizar-se em Agosto de 1974, tendo os Comandantes do Regimento de Infantaria nº. 7 e do Regimento de Artilharia Ligeira nº. 4 assistido à sua inauguração, como testemunho vivo do seu apreço pelo trabalho desenvolvido.

Fundado o Lar, o seu sucesso tornava-se visível dia-a-dia e o seu movimento começou a revestir-se de uma maior complexidade que levou à necessidade de se criar e impor algumas regras, que permitissem dar continuidade ao projecto de forma organizada e disciplinada, sem prejudicar o bom ambiente familiar que nele se vivia, conforme se comprovou pelos inúmeros jantares, convívios e festividades que se realizaram no Lar num ambiente fraterno e salutar.

Para levar a cabo, com sucesso, o projecto de apoio e acompanhamento dos militares açorianos, Ilda Fonseca soube criar uma relação de cooperação muito próxima com os comandantes das Unidades Militares, trocando informações sobre os militares que revelassem maiores necessidades de apoio, por forma a que as Unidades e o “Lar” se complementassem.

Não menos importante era o papel de Ilda Fonseca como intermediária entre a ansiedade dos pais radicados no arquipélago e o sentimento de insegurança dos filhos deslocados no Continente, intercedendo, por inúmeras vezes, junto de várias entidades civis e militares, no sentido de se ultrapassar as mais variadas situações.



Com o terminar da Guerra do Ultramar, o Lar do Soldado Açoriano, no início de 1975, via cessar a razão da sua existência e chegava ao fim o trabalho de apoio social altamente meritório levado a cabo por uma grande mulher, que na sua humildade e inteligência, o sintetiza nas seguintes palavras: “Foi o melhor que fiz até hoje, o melhor tempo da minha vida, a mais bela passagem por este mundo”.

\* Chefe do Estado-Maior da Zona Militar dos Açores.

Obra de investigação, de Ana Bela Vinagre, lançada em 2006, que aborda o período de 1970-75.

